



Não só moradia: A Casa 1, Suas Estratégias Espaciais, e o Fortalecimento da Vizinhança em Diálogo com a Militância LGBT

Autores:

Artur de Souza Duarte - FAUUSP - artur.arq@live.com

Renato Cymbalista - FAUUSP - rcymbalista@usp.br

Resumo:

A visibilidade alcançada pelas minorias sexuais nos últimos anos e a afirmação precoce da identidade de jovens LGBT resultam muitas vezes na necessidade de moradia antes da emancipação financeira. Observando a demanda, a sociedade civil tem produzido soluções alternativas de moradia, sendo a de maior repercussão a Casa 1 - república de acolhimento LGBT e centro cultural. O projeto localizado no centro de São Paulo traz inovações em seu programa e organização espacial. Através de visitas a campo e da experiência de um dos autores como voluntário na ONG, observou-se suas estratégias de diálogo com a vizinhança e com outros equipamentos da região. O local também mobiliza voluntários, movimentos militantes e a iniciativa privada formando uma rede. Ademais, cria relações e referenciais urbanos permanentes para os ex-moradores e, visto a inserção desta população "desviante" e de baixa renda na região, as dinâmicas espaciais produzidas pela Casa 1 atuam como resistência à gentrificação em curso no bairro do Bixiga.

NÃO SÓ MORADIA

A Casa 1, Suas Estratégias Espaciais, e o Fortalecimento da Vizinhança em Diálogo com a Militância LGBT

INTRODUÇÃO

A visibilidade alcançada pela temática LGBT nos últimos anos tem revelado peculiaridades desta população. O surgimento das redes sociais passou a propiciar que as pessoas se reconheçam como minorias sexuais cada vez mais jovens, gerando, por um lado, um segmento LGBT ultrajovem e, por outro, impasses em sua vida pessoal. Muitas vezes, em paralelo à afirmação da identidade sexual surge também um ambiente doméstico hostil. Quando a expulsão não é a primeira reação familiar, a convivência violenta faz com que a vida sob o mesmo teto se torne frequentemente insuportável. Schulman (2009) denomina esse processo de homofobia familiar, dinâmica replicada em outros níveis sociais como nas escolas e no mercado de trabalho resultando, além da saída do domicílio parental, em evasão escolar e pauperização dos jovens. É um dos aspectos do contexto de vulnerabilidades e violência física contra este público apontado nas pesquisas: o Brasil apresenta elevados índices de mortes de LGBTs, com 387 assassinatos e 58 suicídios em 2017 (GGB, 2017).

Deste contexto emerge a necessidade de moradia desta população que não consegue compatibilizar identidade sexual e vida familiar. Historicamente, as demandas de moradia dos grupos LGBT eram solucionadas na esfera privada, seja escondendo sua identidade para permanecer no núcleo familiar ou através de repúblicas e pensões. Nos últimos anos, a presença de LGBTs em situação de vulnerabilidade ganhou mais visibilidade e entrou na pauta das administrações públicas. Na cidade de São Paulo, assim como em algumas outras, políticas públicas específicas para acolhimento e emancipação da população LGBT em situação de vulnerabilidade têm sido implementadas nos últimos anos, mas ainda abaixo da demanda existente. Em um fenômeno recente, a circulação das minorias sexuais pelas redes sociais e movimentos sociais vem propiciando uma reflexão sobre esta situação e tentativas de solucioná-la pela via comunitária, com algumas soluções alternativas de moradia. A Casa 1 – república de acolhimento e centro cultural – no centro de São Paulo, é a solução de maior repercussão. A ONG e seus equipamentos apresentam características inovadoras em termos de espacialidade; das relações público-privado constituídas e da contribuição do projeto para a temática dos comuns urbanos.

Localizada no bairro Bela Vista, região central de São Paulo, a Casa 1 foi implantada como um equipamento não só de moradia, mas cultural. O presente artigo se propõe analisar como sua estratégia de inserção no território e de materialização dos debates propostos

impactam sua vizinhança e o movimento LGBT. Verifica-se as relações do projeto com as redes sociais, com outras organizações da sociedade civil, com os equipamentos públicos de assistência social e de saúde e, sobretudo, com a iniciativa privada, responsável pela receita majoritária da ONG.

Para a realização deste estudo foram feitas visitas a campo em diferentes momentos, desde julho de 2017 durante participação no evento "Abrindo uma casa de acolhida LGBT", uma palestra informal realizada por Iran Giusti, criador do projeto, e Bruno Oliveira, o coordenador do centro cultural. Em 2018 outras visitas foram realizadas aos espaços da ONG, como em uma entrevista com Bruno em janeiro, relativa às estratégias de inserção da Casa no território; participação em fevereiro da palestra de formação de voluntários para atuar na Casa; uma aula para turma da disciplina "lugares de memória e consciência" da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, ministrada por um dos autores junto a Bruno Oliveira em abril. Além disso, um dos autores atua como voluntário na ONG desde abril de 2018, o que possibilita maior inserção nas dinâmicas da Casa. Foi realizado um levantamento arquitetônico e espacial da república de acolhida e do centro cultural, os dois equipamentos que compõem a Casa 1, e observados suas estratégias para estabelecer relação com a vizinhança. Também foram analisados os materiais institucionais produzidos pela Casa 1 e por seus organizadores em seu *website* e redes sociais de janeiro de 2017 a novembro de 2018, além de reportagens feitas sobre a Casa e entrevistas com seus organizadores em diversos veículos de imprensa. De posse do material da verificação empírica, foi realizada a análise do discurso, atentando para a inserção da iniciativa no território e sua espacialidade.

Este trabalho apresenta brevemente uma contextualização sobre a realidade dos LGBTs em situação de rua, suas vulnerabilidades vivenciadas na rua e nos equipamentos da rede socioassistencial existentes em São Paulo e sua necessidade de moradia. Em seguida, a Casa 1 é apresentada como um equipamento que visa acolher LGBTs em um momento específico: entre a saída de casa e a possível situação de rua. São apontadas estratégias da ONG de apropriação do espaço público, diálogo com a vizinhança e com militâncias e outras instituições, os objetivos e a repercussão alcançada. Por fim, aborda-se os diferenciais apresentados pela iniciativa, sobretudo suas características espaciais e relações com o espaço público que cria no território um enclave LGBT de moradia e militância e o fortalecimento dos laços com os que já moram no local.

UMA SOLUÇÃO DE MORADIA ENTRE A SAÍDA DE CASA DO JOVEM LGBT E UMA POSSÍVEL SITUAÇÃO DE RUA

A presença considerável de jovens LGBTs em situação de rua ainda é um tema pouco explorado no Brasil. A bibliografia internacional aponta como principal causa sua suscetibilidade serem expulsos ou fugirem de casa em uma idade mais precoce do que os heterossexuais (GARCIA, 2013). A Prefeitura de São Paulo, em seu último censo de população em situação de rua, contabilizou 15.905 pessoas, a maioria concentrada na região Centro, sobretudo na subprefeitura da Sé. Desses, entre 5,3% e 8,9% são LGBTs, dado inédito que o próprio censo julga ser subnotificado. Segundo Garcia (2013), em sua pesquisa sobre a

vulnerabilidade ao HIV/AIDS entre a população LGBT em situação de rua no centro de São Paulo, a presença considerável de LGBTs em situação de rua apresenta peculiaridades. O Censo corrobora com esta informação: se comparados com o restante da amostragem, os indivíduos LGBT tendem a ser mais jovens e com situação mais precária de vida (exercendo a mendicância ou atividades marginalizadas como prostituição, venda de drogas e roubos) e de saúde (com maior proporção de portadores de HIV e tuberculose), além de sofrerem mais agressões (PMSP, 2015).

Antes da situação de rua, frequentemente estes jovens sofrem o processo que Schulman (2009) denomina homofobia familiar e que, segundo a autora, apresenta variadas especificidades e níveis, desde a exclusão e violência psicológica até violência física. Seu impacto negativo na vida da vítima também varia e pode ser superável, especialmente de acordo com outros tipos de "sistemas de apoio" que ela consiga acessar e intervenções realizadas por terceiros. Sem essa intervenção, porém, a homofobia familiar pode ser uma "opressão dolorosa determinante" na vida da vítima (SCHULMAN, 2009, p.3). A autora refere-se principalmente ao aspecto psíquico na vida do indivíduo *gay*, mas as pesquisas de Garcia (2013), Salgado (2011) e Garcia et al (2010) mostram que, além de conflitos com a família relativos à sexualidade serem determinantes para a situação de rua de parte significativa dos entrevistados, afetam também a trajetória profissional. Garcia (2013) também associa a falta de moradia adequada e de acesso a bens de consumo com o aumento da vulnerabilidade ao HIV/AIDS e, a partir da infecção, dificuldades de tratamento relacionadas à falta de vinculação com os serviços de saúde e de local para a guarda da medicação antirretroviral. Já Salgado (2011) relata a dificuldade dos equipamentos e espaços de acolhida, principalmente os que recebem somente homens, de lidarem com as expressões de gênero e receberem homossexuais masculinos, "principalmente os mais efeminados, bem como as travestis e transexuais, obrigando-os muitas vezes a se destituir desde adereços até sendo cerceados em relação a atitudes e comportamentos supostamente femininos" (SALGADO, 2011, p. 70). A autora ainda aborda que muitos dos equipamentos e espaços da rede socioassistencial em São Paulo resultam de convênios do poder público com entidades privadas e ONGs, o que dificulta um trabalho mais individualizado, visto que a necessidade de fiscalização de sua atuação gera "'instrumentais' cada vez mais rígidos e burocráticos [...] no intuito de controlar, desde as verbas que são repassadas, até a qualidade de serviço que as organizações dispõem para a execução do trabalho socioassistencial" (SALGADO, 2011, p. 81-82).

A situação apontada pela militância, pelas pesquisas e pelo censo já vinha recebendo atenção do poder público em São Paulo e resultou em algumas ações. Na gestão Haddad (2012-2016), a Prefeitura inaugurou os Centros de Cidadania LGBT, equipamentos com auxílio psicológico e jurídico para pessoas em situação de vulnerabilidade social ou que sofreram algum tipo de violência, bem como o Centro de Acolhida Zaki Narchi, com espaço específico para receber e assistir LGBTs, e o Centro de Acolhida Especial Florescer, que acolhe pessoas trans. Além disso, realizou outras ações como priorizar gays em situação de violência e travestis moradores de albergues na fila do programa social "Minha Casa Minha Vida" e a criação do programa social Transcidadania, que fornece bolsas para que pessoas trans concluam o ensino fundamental e médio, além de receber qualificação profissional. Essa rede de espaços vem a responder demandas sociais muito recentes, constituindo uma nova tipologia de equipamento público, que merece ser problematizada do ponto de vista de sua espacialidade e das relações arquitetônicas e urbanas que podem propiciar.

Nos últimos anos, diante da demanda por moradia para o público LGBT e das dificuldades encontradas nas modalidades apresentadas pelo poder público para seu atendimento, soluções de características muito distintas têm surgido na sociedade civil. Entre as iniciativas surgidas neste contexto estão a Casa Nem, um casarão ocupado no centro do Rio de Janeiro que acolhe pessoas trans e realiza cursos de capacitação; a plataforma virtual “Mona migs”, criada em Recife, em que qualquer pessoa pode oferecer abrigo para LGBTs expulsos de casa; e a Casa 1, que possui grande visibilidade e fomenta o surgimento de outros equipamentos e espaços semelhantes pelo Brasil.

A Casa 1 é uma iniciativa do relações públicas e jornalista Iran Giusti que, observando a demanda, resolveu receber LGBTs sem moradia em seu apartamento ainda em 2015. Ao anunciar pelo *Facebook*, recebeu dezenas de pedidos e, enquanto passou meses abrigando algumas pessoas, elaborou o projeto de acolhimento. Na urgência em executá-lo, lançou um financiamento coletivo pela internet (*crowdfunding*) que viabilizou o projeto ao arrecadar cerca de 112 mil reais. Assim, após meses de campanha virtual, um sobrado foi alugado no bairro da Bela Vista, região central de São Paulo e a Casa 1 foi inaugurada em 25 de janeiro de 2017. Anteriormente abrigando um bar seu térreo e uma ocupação no andar superior, o sobrado se tornou moradia para 16 jovens e um centro cultural. Desde então, a iniciativa teve seu programa expandido e agora conta com mais vagas e dois equipamentos: o sobrado Casa 1 e o Centro Cultural Galpão Casa 1.

A Casa 1, como solução de moradia, se apresenta como uma casa de passagem que recebe jovens LGBT de 18 a 25 anos por um tempo máximo de quatro meses. A faixa etária estabelecida busca acolher jovens em um momento muito específico de rompimento de vínculos familiares em que eles ainda não possuem uma rede de contatos para apoiá-los e ainda não alcançaram a emancipação financeira. Segundo Iran Giusti, durante o curso de formação de voluntários, não atender estes jovens neste momento pode resultar, para grande parte deles, em uma situação de rua futura. A Casa 1 cria então, nas palavras de seu criador, “quase uma rede para evitar que esses jovens entrem numa situação de rua”. O perfil dos acolhidos é o “jovem LGBT periférico, com baixo grau de escolaridade, majoritariamente negros e negras”. Em seus quase dois anos de funcionamento, uma mudança apontada pela organização é que, se antes todos os pedidos de acolhida chegavam via rede social, hoje muitos são encaminhados por serviços da rede pública, como o CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), UBS (Unidade Básica de Saúde) e CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), mostrando um reconhecimento pelo poder público do serviço oferecido e estabelecendo uma relação mais estreita entre ONG e estes equipamentos públicos.

ESPACIALIDADE, MILITÂNCIA E AS ESTRATÉGIAS NO TERRITÓRIO

A Casa 1 inicialmente tinha um programa menor do que o atual. Hoje, o sobrado tem em seu andar superior a moradia com capacidade para até 20 moradores. No térreo, o equipamento cultural e assistencial é dividido em três espaços independentes e nomeados como tributo a ícones do movimento LGBT: a Biblioteca comunitária Caio Fernando Abreu, a

Sala de atendimento paliativo Claudia Wonder e a Sala de Convivência Vitor Angelo (que inicialmente abrigava o centro cultural). O formato comercial possibilita que esses espaços, quando abertos, estabeleçam ligação direta com a rua (Figura 1) e, em razão do ambiente reduzido, a apropriação da calçada à frente da casa era constante (Figura 2).

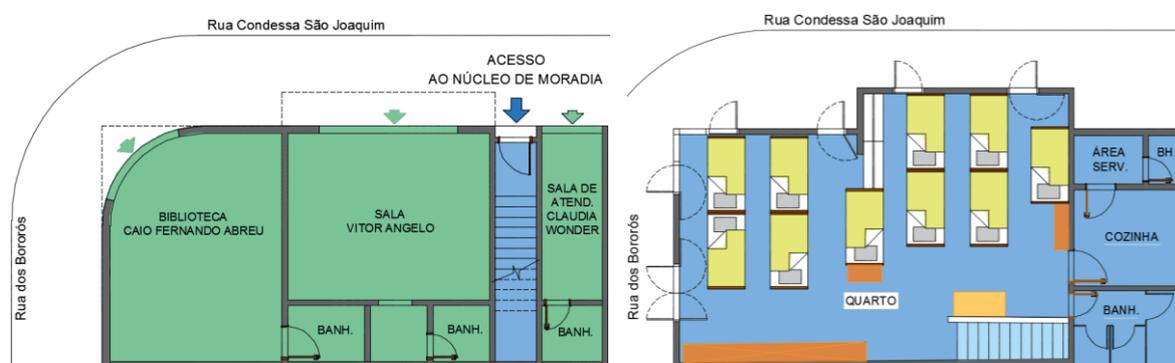


Figura 1: Croquis esquemáticos das áreas do sobrado. À esquerda, a ligação dos espaços do térreo com a rua e o acesso ao núcleo de moradia. À direita, o andar superior composto por cozinha, área de serviços, dois banheiros e um quarto único, com 10 camas beliches.

Fonte: Própria



Figura 2: Ocupação da calçada em frente à Sala Vitor Angelo em 16 de abril de 2017, três meses após a inauguração, com a exibição da peça "O Evangelho segundo Jesus Cristo, rainha do céu", montagem que causou polêmica no Brasil ao questionar como seria se Jesus Cristo vivesse nos tempos atuais como uma mulher trans.

Fonte: Casa 1 (2017a)

Segundo a Casa 1 (2018b), na criação do projeto a ideia de fazer junto à acolhida um centro cultural com uma programação paga que financiasse a residência dos moradores. Porém, ao inaugurar a Casa, a Organização percebeu que cobrar pela programação excluiria as pessoas da vizinhança e decidiu que todas as atividades fossem gratuitas. Após alguns meses da inauguração, a Organização começou a observar o Centro Cultural uma ferramenta

não só para o bairro, mas também para os próprios moradores: com um tempo de acolhida reduzido, o centro abre uma possibilidade de atendimento continuado aos ex-moradores, como um espaço de apoio. Em outubro de 2017, o centro cultural foi movido para uma nova unidade: o Galpão Casa 1 (Figura 3).

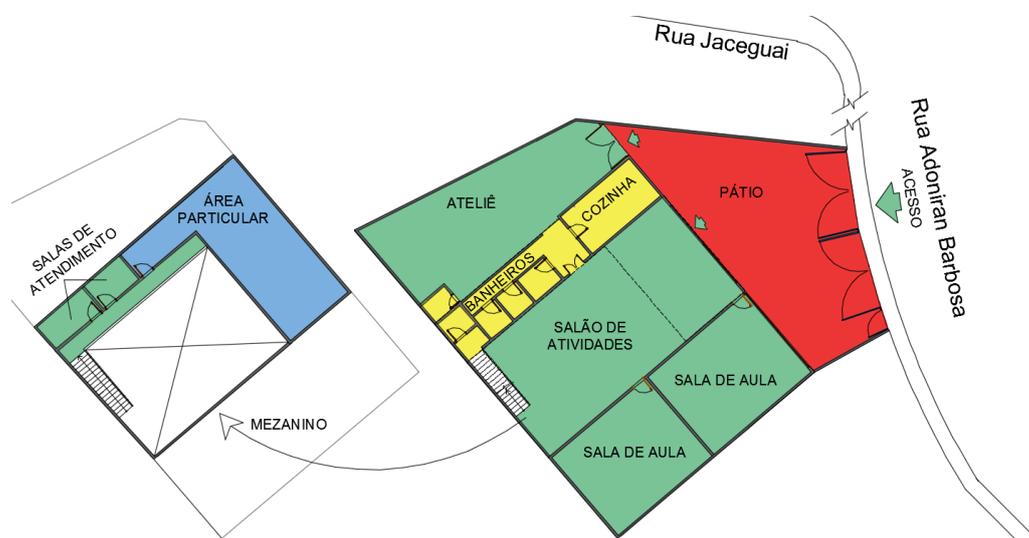


Figura 3: Croquis esquemáticos com as áreas do Galpão Casa 1 e seu acesso pela rua Adoniran Barbosa. O Galpão conta com um salão de atividades, ateliê e duas salas de aula e duas salas de atendimento aos moradores. A utilização dos espaços é variada, desde aulas de ioga e línguas até exibição de filmes no pátio e encenações de peças de teatro. Em grandes eventos, os portões são mantidos abertos e a relação entre os espaços público e privado se estreita. No mezanino, há uma área particular onde atualmente mora o criador da iniciativa, Iran Giusti.

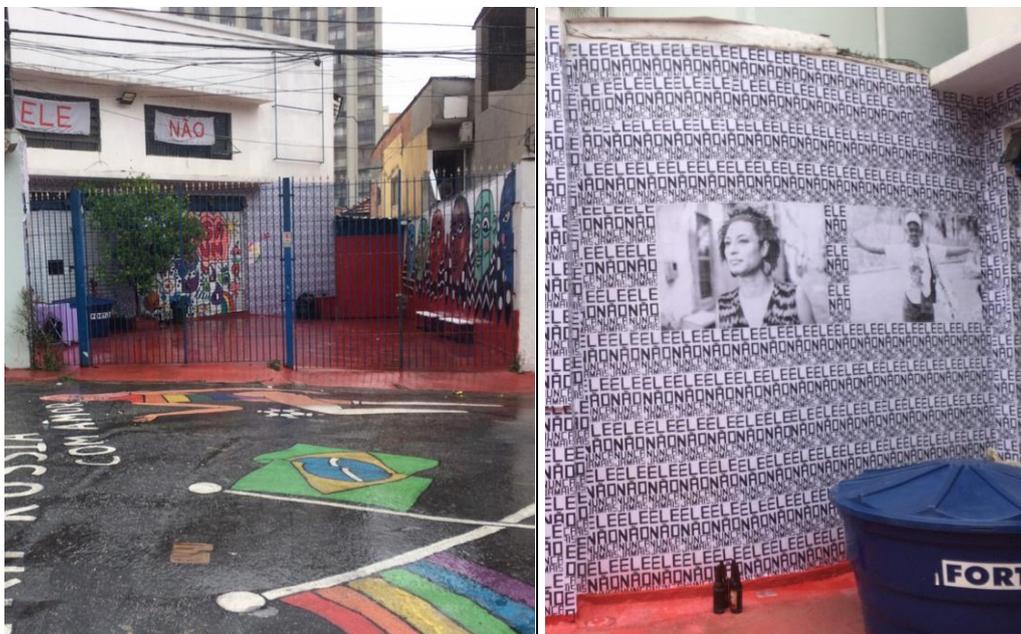
Fonte: Própria

Além de proporcionar o aumento da capacidade de atividades e público recebido, a constituição do Galpão representa uma iniciativa importante de separação dos usos de moradia e da programação cultural e ainda cria um fluxo de pessoas entre esses locais (Figura 4). A implantação do Galpão a apenas 300 metros do sobrado - em lugar de aumentar o espaço de acolhida - amplia também o diálogo com a vizinhança e com a sociedade em geral através de um equipamento de interesse público capaz de provocar uma reflexão, tornando o território mais seguro para os moradores, o público que frequenta a Casa e para os LGBTs em geral. A edificação, que já abrigou um teatro, recebe agora em sua área de recuo frontal, diversas atividades e intervenções artísticas, estabelecendo relação com os transeuntes, que não deixam de reparar no piso vermelho, nos grafites e nas mudanças da fachada da construção (Figuras 5 e 6). As modificações na fachada apresentam também constantemente um viés de militância, de visibilidade, e de resistência política, materializando a ocupação daqueles grupos "desviantes" no território. As atividades constantemente apresentam, além de uma característica funcional e profissionalizante, características militantes em diálogo com os movimentos sociais.



Figura 4: Mapa de localização dos equipamentos da Casa 1. O fluxo de moradores, ex-moradores, voluntários, curiosos e de pessoas da vizinhança entre os dois locais é constante.

Fonte: Google Earth (2018, modificado pelo autor)



Figuras 5 e 6: Fachada do Galpão Casa 1 em outubro de 2018. Na rua, intervenção artística motivada pela Copa do Mundo mostrando a cantora *dragqueen* Pablio Vittar fazendo embaixadinhas. À direita, detalhe da fachada que recebeu, no período eleitoral, uma cobertura de lambe-lambes estampados com os dizeres "ele não" e fotos da vereadora Marielle Franco e do mestre de capoeira Moa do Katendê, assassinados em 2018.

Fonte: Própria (2018)

As estratégias visuais atraem o público e estabelecem um diálogo entre a vizinhança e os debates propostos. Outra estratégia utilizada pelo Galpão é a abertura total do espaço e a apropriação do espaço público da rua Adoniran Barbosa, recorrente em eventos desde sua inauguração. (Figuras 7 e 8).



Figuras 7 e 8: Ocupação da rua nos eventos do Galpão em dois momentos em que as grades foram totalmente abertas para a rua, estreitando a ligação com o espaço público. À esquerda, o Galpão recebeu um grande público durante sua festa de inauguração, em 1º de outubro de 2017. À direita, em evento durante jogo da Copa do Mundo em 17 de junho de 2018.

Fontes: Casa 1 (2017b; 2018c).

Mesmo com a migração de quase toda a programação para o Galpão, o térreo do sobrado mantém uma estrutura de atendimento assistencial e cultural que possibilita e estimula um intercâmbio da população de rua e da vizinhança com moradores, voluntários e com as atividades realizadas no local (Figura 9). A biblioteca atende o público em geral, possui uma programação infantil semanal chamada "Casa aberta para crianças", com a presença de uma educadora e o objetivo de auxiliar os pais moradores da região os moradores de rua, além de uma mudança de cultura ao proporcionar uma empatia destas crianças com o público LGBT. Já a Sala de Atendimento Paliativo foi criada com o objetivo de auxiliar aqueles que não podem ser acolhidos pela Casa, com a entrega de itens de higiene pessoal, roupas e cobertores para a população em situação de rua. A Sala Vitor Angelo atualmente está cedida ao coletivo Trans Sol, que capacita pessoas trans para obter renda com a costura.



Figura 9: Funcionamento do Sobrado Casa 1 em outubro de 2018. Da esquerda para direita, a Sala de Atendimento Claudia Wonder, a Sala Vitor Angelo e a Biblioteca Caio Fernando Abreu. Durante a rotina como voluntário, é possível observar vizinhos deixando doações de roupas e livros nesses ambientes. A Sala de atendimento, que repassa roupas e itens de higiene pessoal à população em situação de rua, permite também que vizinhos retirem uma peça de roupa caso desejem, o que acontece frequentemente. A biblioteca também realiza o empréstimo de livros sem burocracia e atrai muitos moradores da vizinhança.

Fontes: Própria (2018)

A Casa 1 está inserida em uma região peculiar de São Paulo que, apesar de central, consegue se manter com características "de periferia" e, historicamente, sofre tentativas de gentrificação e resistências a elas, mantendo inclusive o nome popular de "Bixiga" (OLIVEIRA, 2017). O criador do projeto justifica a escolha do local por essas características como a existência de cortiços, histórico de casos de racismo, tráfico de drogas, violência policial e presença de população em vulnerabilidade. Assim, a Casa seria um ponto de apoio na região àqueles que sofrem violência, sobretudo de motivação LGBTfóbica. Segundo Giusti, antes da implantação foi feito um trabalho em que os moradores da vizinhança foram comunicados sobre o projeto e se buscou a "bênção" de personalidades "influentes" da região como proprietários de cortiços e de estabelecimentos comerciais. A mobilidade urbana do território central também é um ponto importante no projeto, assim como a proximidade de regiões apropriadas pela população LGBT, como República, Largo do Arouche e Praça Roosevelt. Assim, os moradores entram em contato não só dos equipamentos urbanos, serviços e rede de empregos como também com a cultura LGBT.

Em quase dois anos de funcionamento, as estratégias espaciais e de funcionamento da Casa 1 foram se modificando. O apego à situação de acolhida, os laços com a Casa e a realidade financeira precária fazem com que o momento da saída seja difícil para muitos moradores. Por isso, a ONG busca criar um sistema de apoio para evitar um rompimento de vínculos: todos

são convidados a continuar fazendo as atividades e cursos oferecidos, e muitos até a seguir fazendo refeições e lavando roupas no local. Assim, segundo os organizadores, a maioria dos ex-moradores passa a viver em quartos, pensões e cortiços na vizinhança. Na rotina da Casa é possível observar diversos ex-moradores interagindo com os atuais moradores, participando de alguma programação, pegando roupas na sala de atendimento ou buscando ajuda com algum dos coordenadores. Assim, a passagem temporária pela casa pode se tornar rede de apoio para muitos destes jovens.

Os impactos na vizinhança são diversos. Ao receber um local para capacitação e cultura, pode atender a suas próprias demandas e receber novos moradores e consumidores. Pelas características produzidas nos equipamentos, também recebe eventos e atos de apropriação do espaço público, além de passar a conviver com o público LGBT, suas expressões próprias de gênero e estética, de certa forma protegidos por uma organização. Além disso, a Casa 1 apresenta um diálogo com diversos outros grupos da sociedade civil, realizando em eventos e oficinas diversos uma forte militância junto ao movimento LGBT, ao movimento feminista e ao movimento negro, além de parcerias eventuais com diversos coletivos e organizações como o Teatro Oficina, o Museu da Diversidade e o Fórum de Empresas e Direitos LGBTI+.

A programação da Casa é decidida entre as demandas das redes sociais, da militância, dos moradores, e da vizinhança. Em geral, a Casa 1 realiza em sua programação fixa: curso para ENEM, cursos de inglês e espanhol, curso de português para estrangeiros, aulas de costura, ioga, canto cênico, desenho para crianças, *taekwondo* para crianças, clínica social de saúde mental, grupo de apoio para mães. No final de 2018 implementou aulas de auto defesa para LGBTs e mulheres, testagem de HIV-AIDS, curso profissionalizante de maquiagem e novas oficinas.

Como a maior parte das organizações da sociedade civil que não recebem recursos públicos, as principais dificuldades no funcionamento da ONG são relacionadas à falta de recursos financeiros fixos. Mesmo com uma base de funcionários majoritariamente voluntária, o custo de manutenção mensal da iniciativa é de cerca de R\$ 33.450,00. Destes, 42% vão para o aluguel do sobrado e do galpão. Atualmente, cerca de 70% da receita da ONG vem de um *crowdfunding* mensal (CASA 1, 2018d). O restante dos custos é coberto por eventos de arrecadação como bingos, leilões, festas, frequentemente com apoio de diversos artistas da cena LGBT e doações de empresas. A iniciativa privada aliás, tem sido vital para a manutenção e expansão do projeto: desde sua inauguração, a Casa 1 vem se associando a campanhas de *marketing* e responsabilidade social de diversas empresas. Apenas em 2017 essas campanhas reverteram mais de 200 mil reais à ONG e foram as grandes responsáveis pela ampliação do escopo e inauguração do Galpão. Em 2018 também houveram campanhas grandes que ajudaram a manter a iniciativa. Porém, a inconstância com que estes recursos privados chegam cria dificuldades na manutenção da Organização e na contenção de imprevistos, sendo frequente a necessidade de utilizar recursos próprios dos organizadores da Casa para cobrir os custos mensais.

O FORTALECIMENTO DE LAÇOS NA VIZINHANÇA, A INSERÇÃO DE LGBTs E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Casa 1, em seu pouco tempo de funcionamento, se apresenta como um lugar de referência, com estratégias próprias de construção de identidades, espacialidades, relações específicas entre o público, o privado e o comum. As ações desses grupos eventualmente se traduzem em termos espaciais na Casa, modificando a mesma a cada experiência individual naquele ambiente.

É importante salientar que as dinâmicas da Casa relativizam o que é temporário e permanente. O equipamento de acolhida temporária acaba criando uma sociabilidade contínua entre os moradores, ex-moradores, os coordenadores da Casa, voluntários e vizinhança. Com a maioria dos ex-moradores vivendo na região são formados também laços de pertencimento ao local e um referencial urbano para muitos, em especial para moradores que vieram de outras cidades, estados e países. Além de movimentar um mercado consumidor na região, esta dinâmica cria um enclave LGBT na região, em relação não só a lazer e cultura, mas à moradia. Esta vizinhança LGBT acaba "protegida" pela presença da Organização no local e naturalizada perante o restante da vizinhança que encontra na Casa um equipamento de interesse e valor. Assim, a passagem temporária pelo espaço cria relações e referenciais urbanos permanentes, acrescidos de uma espacialidade que constrói uma relação permanente entre público, privado e comunitário.

Observando o perfil dos moradores e a permanência de muitos desses na região após a saída da Casa, esta vizinhança LGBT inserida na região apresenta características "desviantes": é majoritariamente negra e de baixo poder aquisitivo, incluindo muitas pessoas trans. Além disso, as atividades e serviços oferecidos pela casa fortalecem os vínculos e a permanência de uma vizinhança mais pobre, moradora de cortiços, pensões e ocupações. Além de receberem uma estrutura de cultura, educação e assistência, essas pessoas acabam convivendo e naturalizando a presença dos LGBTs nesta região. A população de rua, que já contava com equipamentos como um centro de coleta de materiais recicláveis, centros de acolhida, e um refeitório público, também acaba sendo atraída pelos diferenciais dos equipamentos da Casa 1 que não requerem burocracia para participar dos cursos, eventos, e da entrega de itens de higiene pessoal, roupas e livros. Já a parcela LGBT destas pessoas em situação de rua também reconhece nos equipamentos um espaço de pertencimento.

A importância dos voluntários também vai além do funcionamento dos equipamentos. Divididos em diferentes grupos de trabalho como o de atendimento, o jurídico, o de saúde e o de saúde mental, eles expandem a articulação dos equipamentos para além da vizinhança. Muitos voluntários são funcionários de equipamentos públicos e conseguem estabelecer uma relação entre esses e a Casa. Outros conseguem articular com a iniciativa privada em diversos níveis. Também há voluntários acadêmicos que realizam pesquisas com foco nas dinâmicas da Casa e até pessoas da própria vizinhança, que acabam participando das atividades como voluntários. Essa rede multidisciplinar formada ajuda também a ampliar a atuação da Casa e sua divulgação para além da militância LGBT.

Ademais, as estratégias de funcionamento do centro cultural associadas ao formato de república, um ambiente jovem e familiar, apresentam avanços que possibilitam um sentimento de pertencimento, coletividade e apropriação dos espaços, não só pelos LGBTs mas também por grande parte da vizinhança. Essa diversidade, porém, também gera conflitos que, segundo os organizadores, geralmente estão ligados à questão "estética" de certos moradores e frequentadores e à ocupação do espaço público em eventos promovidos pela Casa. No sobrado, a frequência de eventos que ocupam o espaço público diminuiu com a abertura do Galpão. Já a localização do Galpão em uma rua estreita e residencial também tende a gerar conflitos em eventos em que realizam a apropriação do espaço público. Na rotina como voluntário observa-se também um certo incômodo de parte da vizinhança quanto aos moradores de rua e à população trans atraídos pelos equipamentos. Algumas ocorrências são os relatos de furtos a itens da Casa, ameaças realizadas aos moradores e à organização, violência contra LGBTs na região e até uma tentativa de arrombamento do Galpão em outubro de 2018.

Apesar destes conflitos, a adesão da vizinhança ao projeto é visível, bem como o conforto dos moradores e ex-moradores que residem na região. Assim, é necessário continuar investigando se as relações e referenciais urbanos criados pela passagem temporária dos ex-moradores pelo espaço são de fato permanentes e não apenas superficiais, nos primeiros anos de saída da Casa.

Por fim, as estratégias dos equipamentos que compõem a Casa 1 buscam o fortalecimento do bairro e a permanência na vizinhança de pessoas com baixo poder aquisitivo. Suas relações com os equipamentos da rede pública e com outras organizações da sociedade civil atuantes na região ampliam uma rede de resistência no bairro. Esta resistência torna a Casa 1 um potencial equipamento contra os processos de gentrificação em curso na região do Bixiga.

REFERÊNCIAS

CASA 1. *Casa 1*. São Paulo: 2018a. Disponível em: <<http://www.casaum.org>>. Acesso em: 23 out. 2018.

CASA 1. Você conhece o Galpão Casa 1? Postagem em 22 de janeiro de 2018. *Facebook*. São Paulo: 2018b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/casaum/photos/a.1739772976274404/1945914145660285/?type=3&theater>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

CASA 1. Foto de postagem em 17 de junho de 2018. *Facebook*. São Paulo: 2018c. Disponível em: <<https://www.facebook.com/casaum/photos/a.1739772976274404/2014856225432743/?type=3&theater>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

CASA 1. Casa 1: financiamento recorrente. *Benfeitoria*. São Paulo: 2018d. Disponível em: <<https://benfeitoria.com/casa1>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CASA 1. Exibição da peça "Evangelho segundo Jesus Cristo, Rainha do Céu". *Facebook*. São Paulo: 2017a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/casaum/photos/a.1826788794239488/1826789040906130/?type=3&theater>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

CASA 1. Abertura do Galpão Casa 1. Postagem em 4 de outubro de 2017. *Facebook*. São Paulo: 2017b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/casaum/photos/a.1900462413538792/1900466290205071/?type=3&theater>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

GARCIA, M. R. V. "Diversidade sexual, situação de rua, vivências nômades e contextos de vulnerabilidade ao HIV/AIDS". *Temas Psicologia*. Ribeirão Preto: dez. 2013, v. 21, n. 3, pp. 1005-1019.

GARCIA, M. R.V et al. "Trajetória de vida e sociabilidade entre a população LGBT em situação de rua de São Paulo". In: SEMINÁRIO VIOLAR, 1., 2010, Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP, 2010, pp. 444-456.

GGB. *Mortes violentas de LGBT no Brasil: Relatório 2017*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 31 dez. 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

OLIVEIRA, S. F. Bixiga como "Estado de Espírito": da exclusão (in)visível à memória sociocultural. *Revista ARA*. São Paulo: n.3, 2017, pp. 181-206.

PMSP. *Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo*. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. São Paulo: 2015. Disponível em:<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/censo/SUMARIO%20EXECUTIVO.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2017.

RUFINO, I. Um ano de Casa 1: Os desafios do centro LGBT mais POP de São Paulo. *Emerge Mag*. São Paulo, 18 jan. 2018. Disponível em: <<http://emergemag.com.br/arquivos/2072>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

SALGADO, F. M. M. *Os sentidos do sofrimento ético-político na população LGBT em situação de rua em um centro de acolhida da cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

SCHULMAN, S. Familial homophobia: an experience in search of recognition. In: *Ties that Bind: Familial homophobia and its consequences*. New York: The New Press, 2009, pp. 01-17.